

TECENDO HISTÓRIAS: AS INFÂNCIAS E AS DIVERSIDADES DA AMAZÔNIA

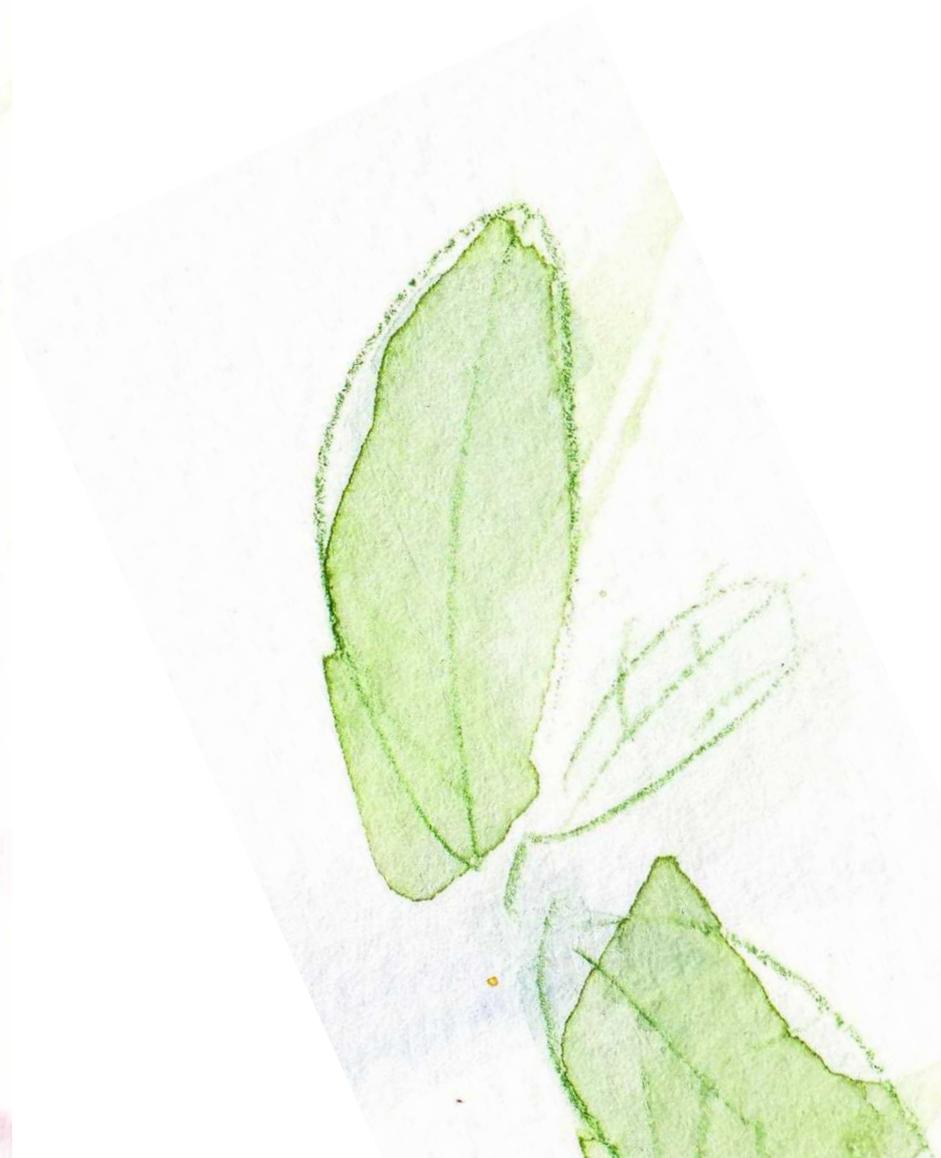
VOL. 1





TECENDO HISTÓRIAS: AS INFÂNCIAS E AS DIVERSIDADES DA AMAZÔNIA

VOL. 1



FICHA TÉCNICA MEC

Ministro:

Camilo Sobreira de Santana

Secretário Executivo:

Leonardo Osvaldo Barchini Rosa

Secretária de Educação:

Kátia Helena Serafina Cruz Schweickardt

Diretora de Formação Docente e Valorização dos Profissionais da Educação:

Rita Esther Ferreira de Luna

Diretor de Políticas e Diretrizes da Educação Integral Básica:

Alexsandro do Nascimento Santos

Diretora de Apoio à Gestão Educacional:

Anita Gea Martinez Stefani

Diretor de Monitoramento, Avaliação e Manutenção da Educação Básica:

Valdoir Pedro Wathier

Diretora de Incentivos a Estudantes da Educação Básica:

Marisa de Santana da Costa

Coordenadora Geral de Formação de Professores da Educação Básica:

Lucianna Magri de Melo Munhoz

Coordenador Geral de Formação de Gestores Técnicos da Educação Básica:

José Roberto Ribeiro Junior

Coordenador Geral de Alfabetização:

João Paulo Mendes de Lima

Coordenadora Geral de Ensino Fundamental:

Tereza Santos Farias

Coordenadoras de Formação de Professores:

Leda Regina Bitencourt da Silva e Ionara Souza Lopes de Macedo

Coordenadora de Alfabetização:

Pollyana Cardoso Neves Lopes

Coordenação Geral de Educação Infantil - MEC/SEB/DPDI/COGEI:

Cida Camarano

Coordenadora Geral de Educação Infantil na Secretaria de Educação Básica:

Rita de Cássia de Freitas Coelho

Coordenador Geral de Política Pedagógica da Educação Especial na SECADI:

Marco Antonio Melo Franco

Instituição Responsável pela Coordenação Geral:

Universidade Federal do Amapá / Departamento de Letras e Artes

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Adelma das Neves Nunes Barros Mendes

Celeste Maria da Rocha Ribeiro

Cilene Campetela

Karolainy Picanço (Apoio Pedagógico)

Martha Christina Ferreira Zoni do Nascimento

Rosivaldo Gomes

Sandra Mota Rodrigues

Suzana Pinto do Espírito Santo

COORDENADORES DA ÁREA DE LITERATURA

Prof. Dr. Daniel Batista Lima Borges

Profa. Dra. Rosileni Pelaes Morais

LEITURA CRÍTICA

Patrícia Corsino

Zélia Versiani

REVISÃO LINGUÍSTICO-TEXTUAL

Maria Eduiza Miranda Naiff Rodrigues (UNIFAP)

Martha Christina Ferreira Zoni do Nascimento (UNIFAP)

ASSESSORIA TÉCNICA

Alan Santos da Silva
Aldery da Silva Mendonça
Antônia Neura Nascimento
Wilma Gomes Silva Monteiro

APOIO TÉCNICO

Jociane dos Santos Souza
Rute Helena Cardoso Guedes

ILUSTRAÇÃO

Bárbara Lúvia Damasceno de Souza

DIAGRAMAÇÃO

Hugo Farias Gomes

CONSELHO EDITORIAL

Alaan Ubaiara Brito
Aldrin Vianna de Santana
Alisson Vieira Costa
David Junior de Souza Silva
Daniel Batista Lima Borges
Eliane Leal Vasquez
Fabio Wosniak
Frederico De Carvalho Ferreira
Inara Mariela da Silva Cavalcante
Ivan Carlo Andrade de Oliveira
Marcos Paulo Torres Pereira
Marcus André de Souza Cardoso da Silva
Romualdo Rodrigues Palhano
Rosivaldo Gomes
Victor Andre Pinheiro Cantuario

TRADUÇÃO EM LIBRAS

Edelson dos Santos Melo (Editor e Revisor do Vídeo em Libras - UEAP)
Larissa Dantas de Lima (Tradutora de Libras - UFAM)
Rodrigo Ferreira dos Santos (Tradutor e Revisor de Libras - UNIFAP)
Saionara Figueiredo Santos (Tradutora de Libras - IFSC)

AUDIODESCRIÇÃO

Elza de Oliveira (Audiodescritora, Narradora e Roteirista - CAP-AP)
Rosenilda Farias (Audiodescritora e Consultora - CAP-AP)
Jhon Produções (Gravação e Edição - AP)

QR CODE DA TRADUÇÃO EM LIBRAS



QR CODE DA AUDIODESCRIÇÃO



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP
Elaborada por Maria do Carmo Lima Marques – CRB-2/989

B823t

Brasil. Ministério da Educação.

Tecendo Histórias: as infâncias e as diversidades da Amazônia. Volume 1 – Narrativas /
Ministério da Educação, Universidade Federal do Amapá/. – Macapá, AP: Editora UNIFAP, 2025.

54 p.:il.

1 Recurso eletrônico [E-book]. 54 p.

ISBN: 978-85-5476-113-4

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. Literatura infantil – Amazônia. 2. Narrativas amazônicas. 3. Diversidade Cultural. 4.
Formação de professores. 5. Educação infantil. I. Universidade Federal do Amapá. II. Título.

CDD 23. ed. – 028.5



Editora da Universidade Federal do Amapá

www2.unifap.br/editora | E-mail: editora@unifap.br

End: Rod. Juscelino Kubitschek, Km 2, s/n, Universidade, Campus Marco Zero do Equador, Macapá-AP, CEP: 68.903-419

Editora afiliada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias



Esta licença permite o download e o compartilhamento da obra desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es), sem a possibilidade de alterá-la ou utilizá-la para fins comerciais. Venda proibida.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
ALGUMAS PALAVRAS PARA INICIAR AS LEITURAS	9
PALAVRAS DOS(AS) ORGANIZADORES(AS)	12
A PREGUIÇA QUE QUERIA SER RÁPIDA	14
<i>VERÔNICA MOREIRA SOUTO FERREIRA, MARITUBA – PA</i>	
ALBA, A ARARA ALBINA	20
<i>GILVÂNIA FIGUEIRAS, PALMAS – TO</i>	
CELEBRAÇÃO DA DIVERSIDADE TOCANTINENSE	26
<i>CIRLENE BENVINDO DE SOUZA, PALMAS – TO</i>	
MAPI, O MONSTRO QUE AMAVA LER	34
<i>FRANCISCA SAIONARA MENDONÇA BARBOSA, FEIJÓ – AC</i>	
O SEGREDO DA FLORESTA ENCANTADA	44
<i>EBENEZAIDE VERGOLINO PINHEIRO, AJURU – PA</i>	
AGRADECIMENTOS	49

INTRODUÇÃO

*Adelma das Neves Nunes Barros-Mendes
Celeste Maria da Rocha Ribeiro
Cilene Campetela
Martha Christina Ferreira Zoni do Nascimento
Rosivaldo Gomes
Sandra Mota Rodrigues
Suzana Pinto do Espírito Santo*

A implementação do Compromisso Nacional Criança Alfabetizada (CNCA), induzida pelo MEC, na Região Norte, possibilitou, a partir das discussões realizadas nas formações de professores(as) da Educação Infantil, com base nos Cadernos Leitura e Escrita na Educação Infantil (LEEI), identificar os desafios enfrentados pelos(as) professores(as) da Região Norte para garantir práticas de escrita significativas às crianças, respeitando suas realidades territoriais, culturais e étnicas. Diante desse contexto, foi identificada a ausência de materiais pedagógicos adequados à diversidade local, o que motivou a produção dos conteúdos aqui apresentados.

Esses materiais foram construídos por professores(as) de universidades e redes de ensino da região, com experiência em formação docente, buscando subsidiar práticas pedagógicas que respeitem a multiculturalidade e incluam todas as infâncias: ribeirinhas, indígenas, quilombolas, migrantes, com e sem deficiência.

Assim, foram elaborados cinco produtos: **Dois Cadernos Pedagógicos** – O primeiro aborda relações étnico-raciais e diversidades amazônicas; o segundo trata da inclusão de crianças da Educação Especial, com base na abordagem histórico-cultural de Vigotski. **Coletâneas de Literatura Infantil (3 volumes)** – Tecendo histórias: as infâncias e as diversidades da Amazônia, com contos e poemas produzidos por professores(as) da região. **Glossário Ilustrado** – A Amazônia pelo olhar das crianças, com definições elaboradas por crianças da Educação Infantil com auxílio dos(as) docentes. **Guia de Prevenção a Maus-tratos e Abusos** – Criado frente à alta incidência de violência contra crianças na região. Por fim, um **Guia Ilustrado de Primeiros Socorros + Infográfico** – voltado às realidades de difícil acesso a serviços de saúde.

Esses materiais não têm a pretensão de apresentar soluções definitivas, mas sim de abrir caminhos e convidar o país a conhecer e incluir o Norte em suas pautas educacionais. Nosso convite é: **Venha se encantar conosco!**

Referência:

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/diretrizes-curriculares-educacao-infantil>. Acesso em: 06 set. 2024.

ALGUMAS PALAVRAS PARA INICIAR AS LEITURAS

Os contos desses dois volumes nos convidam a penetrar no murmúrio dos rios, a atravessar furos, remar nos igarapés com barquinhos, canoas, rabetas, voadeiras e barcos escolares. Nos trajetos, os sons da floresta, os cantos dos pássaros, o barulho das águas e o vento nas folhas anunciam o pulso da vida. Meninos e meninas, ribeirinhos, e indígenas, protagonistas das histórias, se encontram e se integram ao vigor da natureza. O bicho preguiça nos ensina a apreciar a vida devagar. O boto rosa, o nadar compartilhado e os saltos acrobáticos da vida. Tracajás, gaivotas, araras, papagaios voam alto no céu, enquanto nos rios peixes-boi, tucunarés, cardumes de piabas e tartarugas dançam ao compasso das águas. Onças pintadas passam velozes e jacarés repousam na praia. A floresta Amazônica está ali nas linhas e entrelinhas dos contos e ilustrações e na sua fronteira, o Serrado.

A picada de cobra na menina indígena suscita o cuidado de uma aldeia inteira e a cura que vem dos chás e unguento de ervas, azeites e folha de caimbé no local da picada, das rezas e também do soro antiofídico. Samaúmas abrigam um Mappinguari, monstro que se torna um voraz leitor. A menina valente vai em busca da flor mágica da vitória-régia para limpar e purificar o rio que estava deixando os animais aquáticos doentes. São também as crianças que organizam festas, que trazem a pujança das manifestações culturais da Região Norte com Dança do Sussa, Boi Bumbá e Cacuriá do Maranhão e que revigoram o Igarapé triste com um gostoso piquenique. Há também o menino que sonha em viajar através das palavras, assim como navegava pelo rio e crianças sensíveis que trazem elementos do caminho para ajudar o menino cego a lembrar do trajeto até o lago. Nos contos, Joana, Pedro, Bacuri, João, Rosa, Cacau, Lara, Caique, Anahi, Apoema, Ori, Cojuba, Inaiá, Isabelly são crianças ativas, criativas, potentes e solidárias. Entre elas as diferenças aparecem para reiterar a ideia de que “somos fortes por sermos diversos” e desaparecem para dar lugar a convivência e partilha do comum.

São dois volumes, cada um com cinco contos, ilustrados por Bárbara Damas em aquarelas que, em cada página, entrecem esteticamente a obra. Em diálogo com o texto verbal, as ilustrações ampliam as possibilidades de leitura com os movimentos dos traços entre pinceladas, aguadas e realces, numa paleta de cores harmoniosa. A diversidade dos personagens aparece com delicadeza e humor e muitos elementos entram na composição das cenas em que ora os tons se diluem, ora realçam formas, dando visibilidade aos ambientes e situações.

São contos escritos por professoras, integrantes do Programa de Leitura e Escrita na Educação Infantil-LEEI da Região Norte, em 2024, cujos leitores presumidos são as crianças que habitam as águas, florestas, serrados e cidades do Norte do Brasil, mas que muito podem dar a ler e a ver a outras crianças e adultos, já que a especificidade local se apresenta para se unir ao sensível em nós. Que cada página lida seja uma remada que transporte os leitores para as águas do Norte e os aproxime da potência de ser e estar na natureza.

Boas leituras!

Profa. Dra. Patrícia Corsino (UFRJ)



PALAVRAS DOS(AS) ORGANIZADORES(AS)

Esta coletânea foi concebida a partir da ideia de promover a criação de narrativas e poemas direcionados ao público infantil, com base nos preceitos do Projeto “Leitura e Escrita na Educação Infantil” (LEEI) - Região Norte, que promoveu, no ano de 2024, a formação de professores(as) formadores(as) da rede ensino dos sete estados do Norte, que constituem a Amazônia brasileira, com vistas à qualificação contínua de professores(as) da Educação Infantil. Dentre os objetivos do LEEI Norte, citamos: oportunizar a construção de saberes referentes às culturas e em especial à cultura escrita; demonstrar que as crianças são sujeitos de linguagem; oportunizar vivências literárias que possam ser multiplicadas.

Pensar a infância como um período de descobertas, curiosidade, imaginação e transformações, com especificidades que precisam ser compreendidas, valorizadas e respeitadas, remete-nos a uma dinâmica pedagógica e educacional, na Educação Infantil, que, com relação às crianças Amazônidas, considere e favoreça a diversidade étnica cultural, assim como a inclusão de Pessoas com Deficiência (PcD).

As narrativas, os poemas, as ilustrações, formam material que motiva as interações e brincadeiras, a imaginação e criatividade da criança. Os(As) autores(as) apresentam textos ricos em imaginação, criatividade, curiosidade e engajamento, com cuidado e atenção à representação inclusiva e sensível à diversidade étnico-racial e cultural do público infantil, fazendo um convite para que as crianças explorem os conteúdos de maneira ativa, lúdica e estética.

Profa. Dra. Ana Cláudia Paula do Carmo

Profa. Dra. Celita Maria Paes de Sousa

Profa. Dra. Celi da Costa Silva Bahia

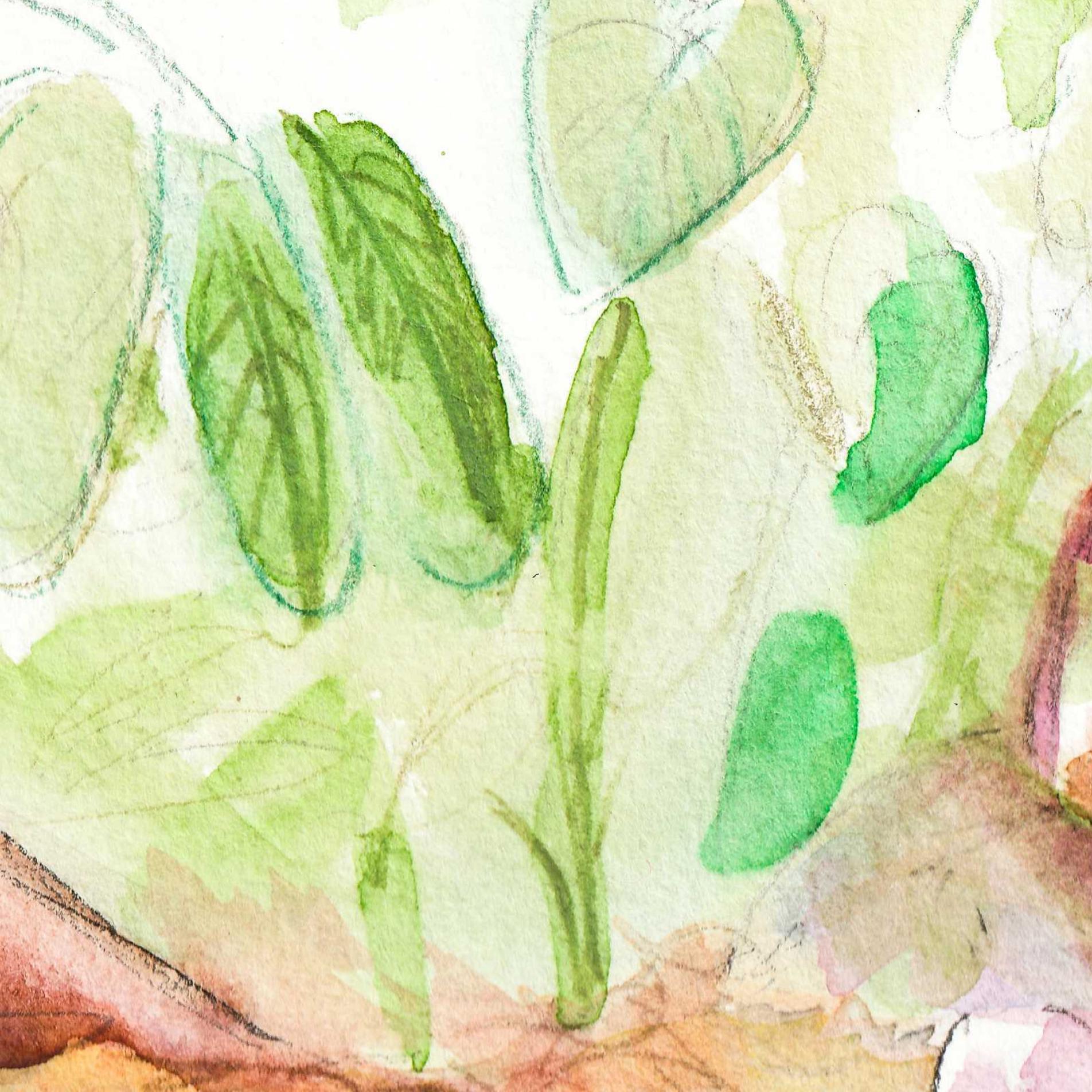
Prof. Dr. Daniel Batista Lima Borges

Profa. Dra. Dilene Kátia Costa da Silva

Profa. Dra. Elizane Assis Nunes

Profa. Dra. Rosileni Pelaes de Moraes

Profa. Dra. Rosimeri Birk



A PREGUIÇA QUE QUERIA SER RÁPIDA

Verônica Moreira Souto Ferreira
MARITUBA - PA



Na floresta amazônica, vivia uma pequena preguiça chamada Bacuri. Com suas garras fincadas nas costas de sua mamãe preguiça, Bacuri ouvia o suave **CREC-CREC** dos galhos, à medida que deslizavam de uma árvore para a outra.

Bacuri observava os outros animais e a melodia da floresta – o assobio do vento, o **CHUÁ** da água correndo no rio Xingu e os sons dos pássaros.

A mamãe preguiça, com seus movimentos lentos e cuidadosos, ia de galho em galho, sempre atenta ao que acontecia ao seu redor. Mas, o que mais intrigava Bacuri eram os sons e movimentos dos outros animais, tão ágeis e rápidos.





A onça, com suas pintas douradas, corria rapidamente pela floresta e, com um salto, subia nas árvores, em silêncio absoluto. No céu, Bacuri observava a garça, que batia suas longas asas **FLAP-FLAP**, aproveitando o vento que soprava. Mais adiante, os macaquinhos saltavam entre as árvores, movendo-se com uma energia incansável.

Até as tartarugas, que pareciam vagarosas em terra, no rio deslizavam com graça e rapidez. O jacaré, imóvel à primeira vista, podia, de repente, mover-se com uma força impressionante, usando sua cauda como um chicote, **SHUUUOOPAAAA**.



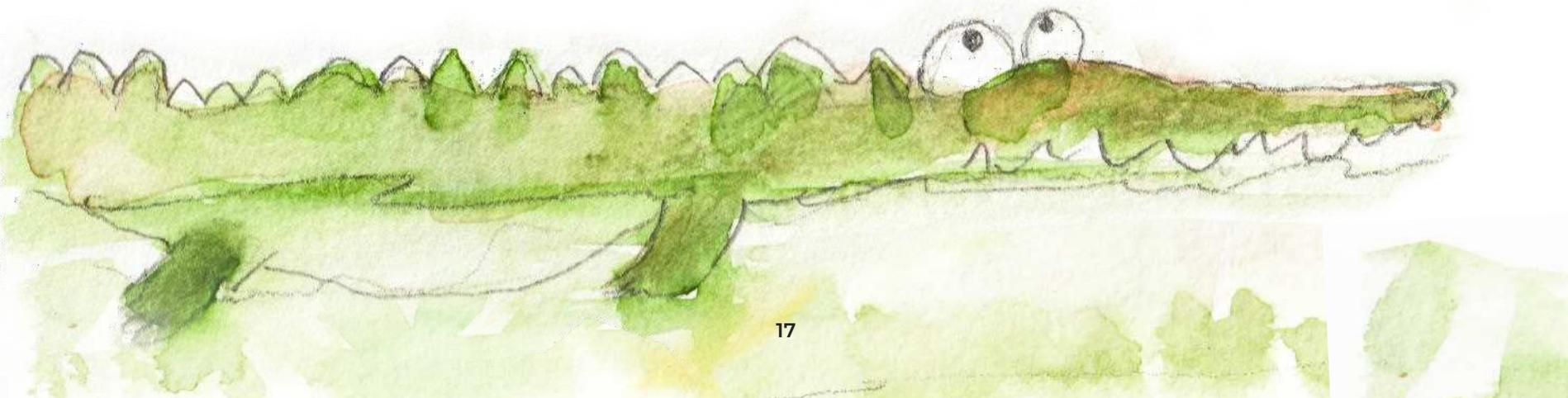
Um dia, Bacuri, intrigada com toda essa velocidade à sua volta, não conseguiu conter a curiosidade e perguntou à mamãe preguiça:

— Mamãe, por que somos tão lentas? Não seria melhor ser rápida como os outros animais? Veja como eles se movem!

A mamãe preguiça sorriu e respondeu pacientemente:

— Ah! Bacuri, cada animal tem seu jeito, filha. Somos lentas porque isso nos permite apreciar os detalhes que os outros, na pressa, não conseguem perceber. Já reparou como o vento balança as folhas? Como os pássaros cantam? Ou como a água corre tranquila no rio? Sermos lentas nos permite apreciar nossa linda floresta.

Ainda intrigada, Bacuri olhou ao seu redor. Havia tanto para ouvir e observar!



— Mas, será que um dia eu poderei ser rápida? – perguntou Bacuri, esperançosa.

Antes que a mamãe preguiça pudesse responder, um som alegre e conhecido chegou aos seus ouvidos. Era Apoena, um menino indígena do povo Kayapó, que, apesar de não enxergar, conhecia a floresta como ninguém. Ele andava entre as árvores, ouvindo os sons da natureza para se guiar. Apoena não enxergava com os olhos, guiava-se pelo suspiro das árvores e o CREC dos galhos sob seus pés.

— Ei, Bacuri! — disse Apoena, sorrindo.
— A pressa nem sempre é o mais importante. A floresta tem o seu próprio ritmo, e cada um de nós tem o seu papel. Você, com sua calma, vê coisas que eu não consigo. Eu, mesmo sem enxergar, consigo sentir e ouvir a floresta de uma maneira diferente. Cada um tem um jeito especial de viver. Assim é a vida.

Bacuri sorriu, sentindo-se grata por ser quem era. De repente, não parecia mais tão importante ser rápida. Ela percebeu que o CREC-CREC nos galhos e o suave murmúrio de suas garras deslizando era uma parte essencial da melodia da floresta, pois o importante era viver em harmonia com os outros.

FIM!







**ALBA,
A ARAÇA ALBINA**

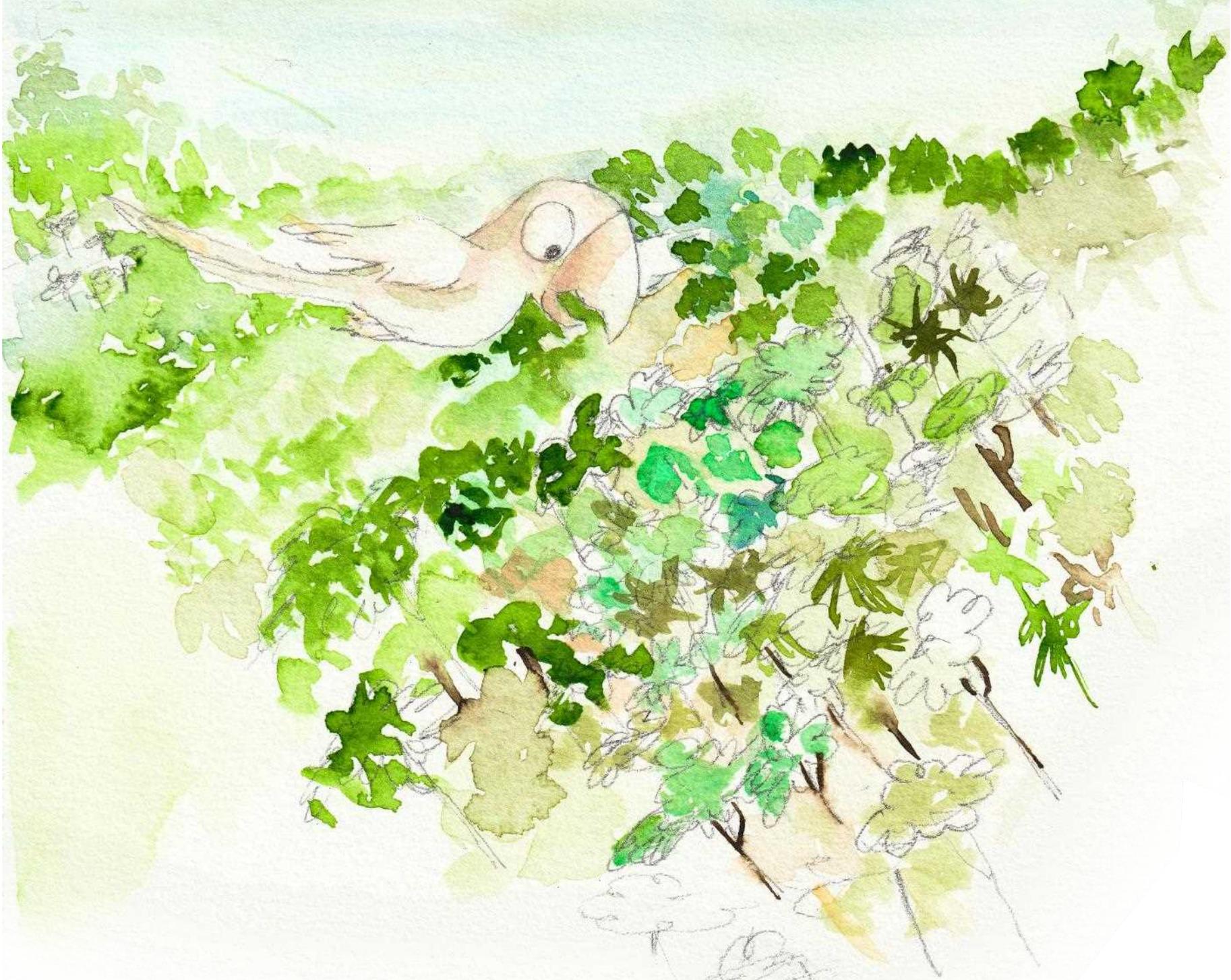
Gilvânia Figueiras
PALMAS – TO

Na região do cerrado, em uma cidade do centro do Brasil, em uma tarde quente, dona Arara põe quatro ovos. Bia, Bili e Bela nasceram bem rapidinho. Bicaram a casca do ovo e saíram do seu ninho fofinho. Tanta coisa para ver e conhecer por aí afora, numa cidade tão linda e atrativa como nossa Palmas! O outro ovo ficou sozinho, quietinho e quentinho.



Os irmãos não quiseram nem saber! Saíram a explorar tudo!

- Ah! Vejam só que diferente e esquisito saindo do ovo!
- O que é aquilo? Olha só de cor branca, será um pato? Um pinto? Um ganso? Que estranho! As araras novinhas sorriam e ficavam a zombar.



Alba nasceu, tão preciosa, branquinha como a neve, porém muito diferente dos irmãos, que eram azuis e amarelos. Por isso, sentiu-se excluída da família.

Os irmãos sempre voavam juntos, a desbravar novos horizontes. Mas, Alba era muito devagar e sempre ficava por último, mas continuava a voar pelos ares da cidade. Verdinha como Palmas não há! Diversas palmeiras abrigavam várias famílias de araras.



Alba tinha um grande coração e adorava fazer novos amigos. Um dia, enquanto explorava as árvores, lá do alto avistou uma tartaruga chamada Amora, que estava triste porque era diferente das outras tartarugas que ela conhecia. Ela nasceu sem rabo. Em vez do rabo, tinha um sinal vermelho no lugar. Por isso, sentia-se excluída.

Com sabedoria, Alba disse-lhe:

- Amora, seu rabinho vermelho diferente valoriza sua personalidade e é sua característica única! Ser diferentes nos torna especiais e únicas. Eu também nasci assim: sou albina, diferente dos meus irmãos, que são azuis e amarelos.

No começo, eu me senti excluída de tudo, fiquei triste também, mas depois gostei! Você gostaria de ser minha amiga? Vamos mostrar a todos como somos incríveis juntas!

O que você mais gosta de fazer? Como se diverte mais? Qual a sua comida favorita? Daí, tornaram-se melhores amigas.

Animadas, Amora e Alba decidiram organizar um grande festival no parque ecológico da cidade – Parque Cesamar – onde todos os animais poderiam celebrar suas diferenças.

No dia do festival, bichos-preguiças, araras, capivaras, tartarugas, macacos, corujas e até os pequenos sapos se uniram, dançando e cantando, enquanto celebravam a diversidade de cores, tamanhos e habilidades.

A partir daquele dia, o parque ficou ainda mais alegre, pois todos aprenderam que as diferenças nos tornam especiais e que, juntos, formamos uma linda comunidade.

E assim, Alba e Amora ensinaram a todos que a inclusão é como a natureza: quanto mais diversa, mais bela e forte ela se torna.

FIM!







CELEBRAÇÃO DA DIVERSIDADE TOCANTINENSE

**CIRLENE BENVINDO DE SOUZA
PALMAS – TO**

Em um encantado vilarejo, onde o cerrado se encontra com a floresta amazônica, no coração do Tocantins, vivia Joana. Uma menina curiosa e cheia de energia. Lá, também, vivia seu melhor amigo, Pedro. Um menino esperto que usava uma cadeira de rodas, veloz como o vento. Os dois amigos gostavam de explorar o vilarejo repleto de coloridos, sons e histórias.



Certo dia, a professora Ana sugeriu uma atividade incomum na escola: cada criança deveria compartilhar uma história de sua família, celebrando a diversidade cultural da região. Joana e Pedro se animaram, cientes de que suas próprias histórias eram ricas em tradições fascinantes, refletindo a pluralidade que caracterizava o local.

Joana desejava contar sobre a dança do Sussa, que seus avós ensinavam, marcada por passos ritmados e melodias que falavam sobre amor e cuidado com a natureza. Pedro, por sua vez, trouxe a história do Cacuriá do Maranhão, canção que seu pai entoava, enquanto trabalhava no campo. Cada dança, com suas rodadas e movimentos, contava uma parte vital da herança cultural de suas famílias, ressaltando a diversidade que enriquece o Tocantins.



Entusiasmadas, as crianças planejaram uma apresentação que incluía o Boi Bumbá – uma celebração na qual pessoas de todas as idades e capacidades poderiam participar. Pedro, com sua cadeira de rodas adornada com fitas coloridas, lideraria o desfile, encantando a todos com sua habilidade para realizar giros e piruetas.



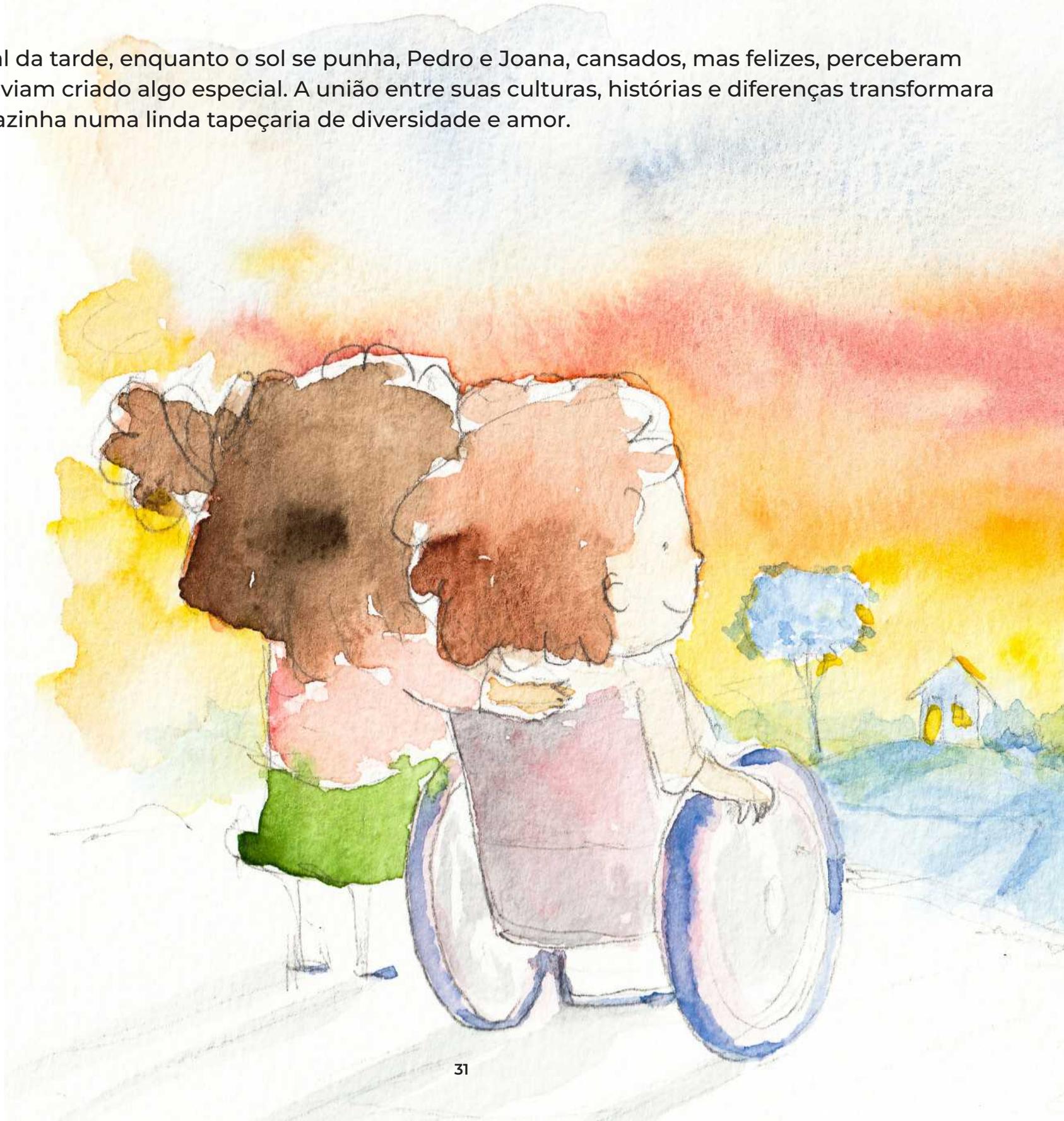
A preparação para a apresentação reuniu a vila: Dona Maria, que era cega, ajudava as crianças a distinguir os tambores pelo som, enquanto Seu Jorge, um talentoso escultor sem uma das mãos, moldava máscaras dos personagens do Boi Bumbá para que as crianças as usassem.

No dia da apresentação, o sol brilhava intensamente e os moradores da vila se reuniram na pra-
cinha. Crianças e adultos de diferentes povos e habilidades se sentaram lado a lado para assistir.
Pedro, que liderava o desfile, com sua energia contagiante, inspirou todos ao seu redor, enquan-
to Joana dançava. Ambos traziam à vida as tradições que marcaram suas famílias.

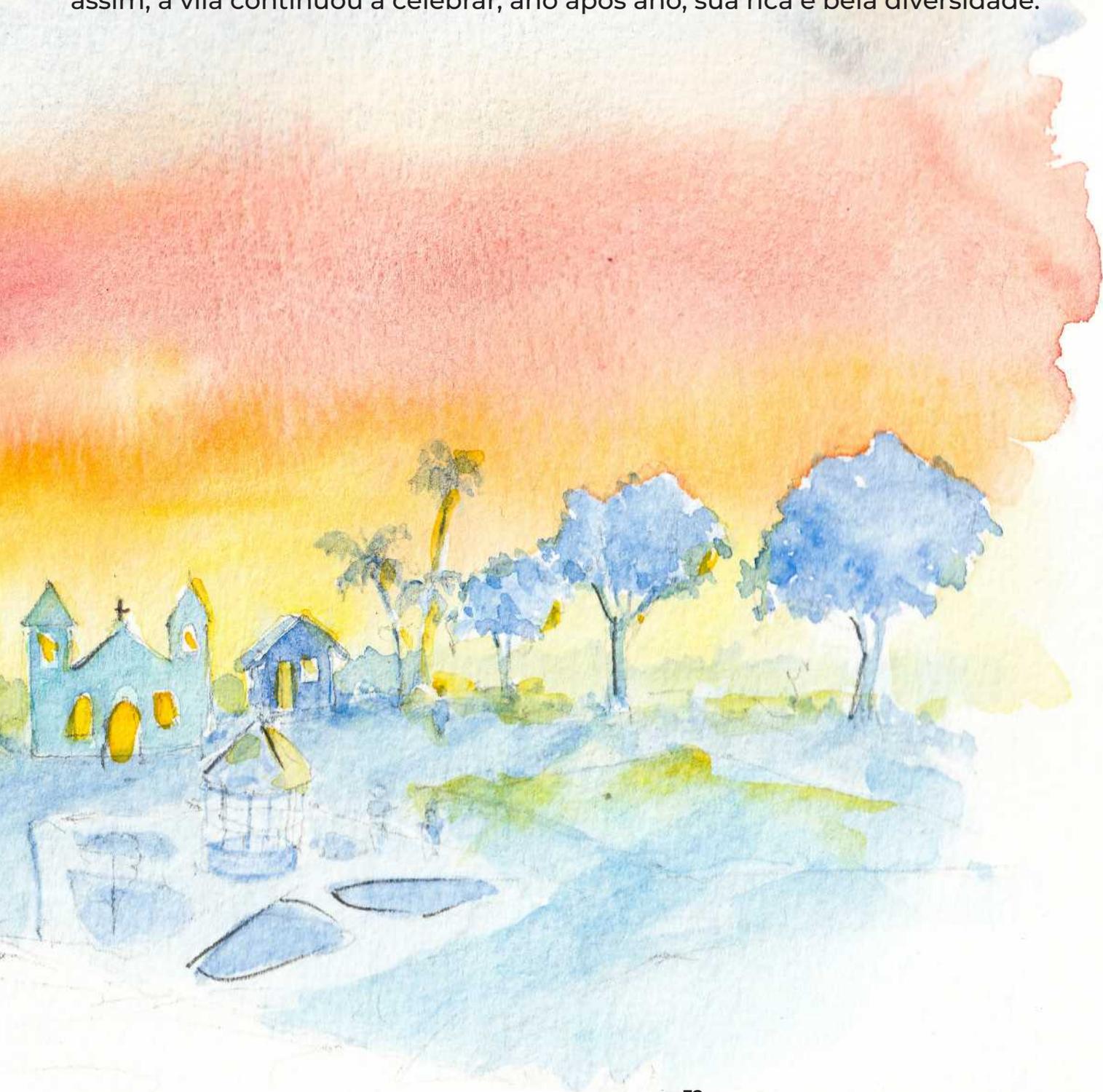
Cada movimento, cada som e cada sorriso, naquela apresentação, eram uma celebração da vida,
da inclusão e do respeito. A verdadeira riqueza do Tocantins, reforçada pela presença do cerrado
e da Amazônia, estava ali representada — nas variadas histórias e na colaboração de todos.



No final da tarde, enquanto o sol se punha, Pedro e Joana, cansados, mas felizes, perceberam que haviam criado algo especial. A união entre suas culturas, histórias e diferenças transformara sua vilazinha numa linda tapeçaria de diversidade e amor.



Eles anunciaram que, no próximo ano, haveria uma nova apresentação, incorporando ainda mais histórias e participantes, pois todos reconheciam que juntos poderiam criar algo ainda maior. E assim, a vila continuou a celebrar, ano após ano, sua rica e bela diversidade.



FIM!



MAPI, O MONSTRO QUE AMAVA LER

FRANCISCA SAIONARA MENDONÇA BARBOSA
FEIJÓ - AC



Na imensa Floresta Amazônica, vivia um grande monstro, peludo e de um olho só: o Mappinguari. Mas, ele gostava de ser chamado de Mapi. A maior diversão de Mapi era assustar todas as pessoas que adentrassem na floresta.



Um dia apareceu naquelas bandas um garoto que amava explorar a natureza. Enquanto o menino tirava algumas fotos das belezas do lugar, Mapi apareceu e deu um terrível e alto grito, fazendo com que o garoto corresse muito rápido, deixando cair, de sua mochila, um livro.





Assim que parou de gritar, o monstro, certificando-se de que não havia mais rastro do menino, aproximou-se daquele objeto e com seu único olho no meio da testa, mirou o livro. Pegou-o com suas mãos peludas, levou até o nariz... cheirou... lambeu..., mas não tinha gosto nem cheiro.

Então, resolveu abrir “aquela coisa”. Começou a folheá-la. Ficou encantado com os desenhos contidos naquelas páginas. Notou que havia umas coisinhas - pequenas manchas pretas - e ficou triste por não saber o que era aquilo.

Mapi, então, teve a ideia de ir até a casa de Dona Coruja, que, de todos os animais da floresta, era considerado o mais sábio, para que lhe ajudasse a descobrir o que era aquilo que tinha em suas mãos.







Chegando ao pé do Benjamim mais alto da mata, lá estava Dona Coruja, que logo lhe perguntou:

- O que você faz aqui que não está vigiando a floresta?
- Encontrei isto e não sei o que é e nem consigo parar de olhar! Exclamou Mapi, estendendo-lhe o livro.
- Olha! Que livro maravilhoso! Já li essa história. É maravilhosa.
- Um livro? Perguntou o monstro espantado.
- Você não sabe o que é um livro?
- Não!
- Essas marquinhas pretas, pequenas e que acompanham os desenhos, são letras. Elas formam palavras, que podem ser lidas e que, juntas, contam uma história - explicou ela.
- Quero saber que história é essa! Exclamou o grande Mapiinguari.
- Você quer mesmo? Posso lhe ensinar a ler!
- Quero muito!





A partir de então, todos os dias ele ia até a casa de Dona Coruja. Sua vontade de conhecer a história era tão grande que aprendeu a ler rapidamente. Depois que aprendeu a ler, Mapi não fazia mais nada, senão se esconder entre as sapopemas de uma velha samaúma e realizar suas leituras.

Ele não se importava mais com quem entrava na Floresta. Estava ocupado demais com os livros que conseguira com a Dona Coruja. Lia, relia, lia, relia...



Por isso que, hoje em dia, esse monstro lendário não é mais visto nas matas, pois se encontra “devorando” livros e mais livros. Escondido nas raízes imensas e profundas das samaúmas, não assusta mais os seres humanos. Vive no mundo da leitura, da imaginação, sonhando com encantados, dragões, bruxas e outros monstros. Dizem que ele não se contentou em ser somente um leitor voraz, que se aventurou também em escrever histórias.

Aliás... você conhece a Lenda do Mapinguari? Eu já li algo sobre ele. Quem será que escreveu?

FIM!





O SEGREDO DA FLORESTA ENCANTADA

**EBENEZAIDE PINHEIRO DA COSTA
LIMOEIRO DO AJURU – PA**

Era uma vez uma menina chamada Lara, que vivia na Amazônia Brasileira. Lara tinha olhos que brilhavam como as águas do rio e um sorriso que iluminava o dia. Ela usava uma cadeira de rodas, mas isso não a impedia de explorar a floresta com os amigos.

Um dia, Lara chamou seus amigos para uma aventura especial. Veio João, um menino indígena que adorava contar as histórias de seus avós. Rosa, uma menina de pele escura, linda e alegre, que dançava como as folhas ao vento; e Cacau, um menino com síndrome de Down, que fazia todo mundo rir com suas piadas.





Eles andavam juntos pela floresta, cada um com um papel importante. João mostrava os caminhos escondidos; Rosa pegava frutas e flores; Lara observava cada detalhe com muita curiosidade; e Cacau animava todos com suas risadas.

De repente, eles encontraram um papagaio muito esperto, chamado Curió. Ele sabia tudo sobre a floresta e suas histórias mágicas. Curió disse: “Aqui na floresta tem um segredo muito especial, mas só quem respeita a natureza e gosta de todos consegue descobri-lo!”.

As crianças ficaram animadas e começaram a prestar atenção em cada som da floresta. Escutaram o vento nas folhas, o canto dos passarinhos, o barulho das águas e até as formiguinhas trabalhando. Tudo parecia contar uma história.

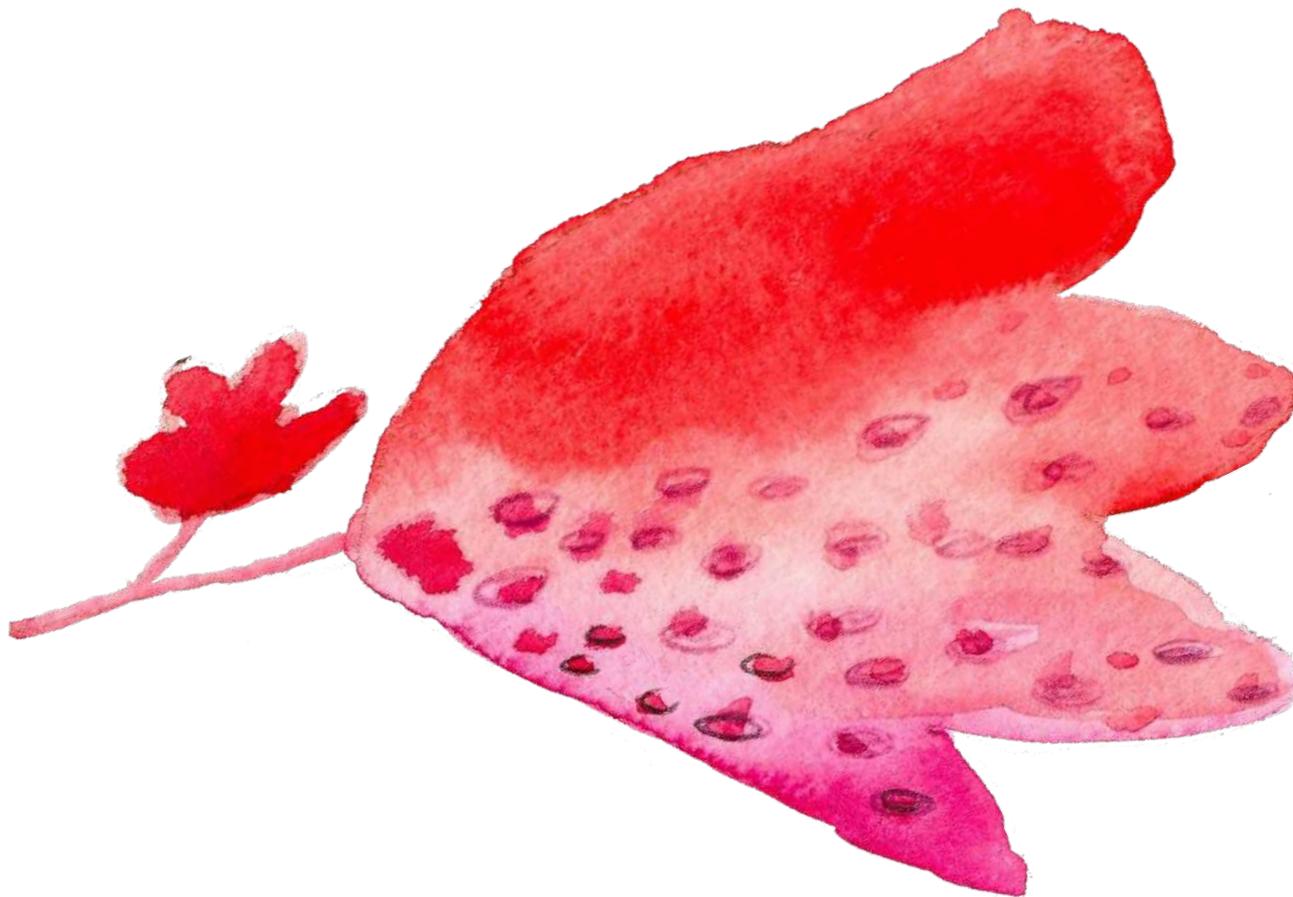


Depois de caminhar bastante, eles chegaram a uma árvore enorme e muito antiga, a mais velha da floresta. No tronco da árvore, tinha uma marca de coração. Lara, com a ajuda dos amigos, colocou a mão na marca, e ... surpresa! A árvore começou a falar: “Vocês são crianças especiais,” disse a árvore com uma voz suave. “Cada um de vocês é diferente, mas todos são amigos e respeitam a floresta. O segredo da floresta é que somos fortes por sermos diversos! Cada árvore, bicho, folha e pessoa é único, mas juntos, formamos algo muito poderoso.”

As crianças entenderam o que a árvore queria dizer. A floresta era especial porque todos ali, mesmo diferentes, se completavam e viviam em harmonia.

Com o coração cheio de alegria, Lara, João, Rosa e Cacau voltaram para a aldeia, prontos para contar o segredo da floresta que encanta por meio da sua biodiversidade. Sempre que lembravam da aventura, sabiam que o verdadeiro segredo era a amizade e o respeito a todas as pessoas e à natureza ao seu redor.

FIM!



AGRADECIMENTOS FINAIS

Com este volume, encerramos uma jornada literária que reafirma a potência criadora dos professores-autores da Amazônia. A coletânea *Tecendo Histórias: As Infâncias e as Diversidades da Amazônia* nasce do compromisso com a valorização das infâncias amazônicas e da pluralidade cultural, social e ambiental da região. Foi uma honra acompanhar de perto a criação destas narrativas, que combinam sensibilidade estética e profundo conhecimento de território.

As histórias aqui reunidas trazem contribuições marcantes. “A Preguiça que Queria Ser Rápida”, de Verônica Moreira Souto Ferreira, ensina que cada ser tem seu próprio tempo para perceber o mundo. “Alba, a Arara Albina”, de Gilvânia Figueiras, trata da aceitação das diferenças com delicadeza. “Celebração da Diversidade Tocantinense”, de Cirlene Benvindo de Souza, é um verdadeiro tributo às festas, danças e saberes populares. “Mapi, o Monstro que Amava Ler”, de Francisca Saionara Mendonça Barbosa, transforma o medo em fascínio pela leitura e pela imaginação. “O Segredo da Floresta Encantada”, de Ebenezaide Vergolino Pinheiro, valoriza a cooperação, a amizade e a força da diversidade.

A segunda parte da coletânea amplia ainda mais essa riqueza. “Anahí: Em Busca de Aventura”, de Elke Dias Costa, conduz o leitor por uma jornada de coragem em defesa da natureza. “As Aventuras de Ori e a Escola do Cujuba”, de Gleidenira Lima Soares, revela a força da educação e das travessias na vida ribeirinha. “Entre Panelas e Bola”, de Francimeire Souza Almeida, questiona papéis de gênero com sensibilidade e afirmação. “O Velho Igarapé e a Canoa”, de Maria Célia Mendes Nunes, reanima a paisagem afetiva dos rios como espaços de memória e convivência. E “Lembra do Caminho?”, de Camila Silva de Almeida, propõe uma belíssima experiência sensorial sobre memória e inclusão.

Agradecemos aos(às) autores(as) por tamanha criatividade, escuta e entrega. Agradecemos também à ilustradora Bárbara Damas, que deu vida às histórias com imagens potentes e sensíveis, e ao diagramador Hugo Farias, que organizou a obra com dedicação e esmero.

Que estas narrativas sigam inspirando novas leituras e encontros com a Literatura Infantil Amazônica.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Daniel Batista Lima Borges
Profa. Dra. Rosileni Pelaes de Moraes

BIOGRAFIAS DAS AUTORAS E AUTORES DA COLETÂNEA TECENDO HISTÓRIAS: AS INFÂNCIAS E AS DIVERSIDADES DA AMAZÔNIA

1. Jussara Ribeiro Lukachinski é professora da Educação Infantil em Ariquemes - RO, escritora e formadora municipal do Programa LEEI. Atua com paixão na formação de leitores desde a primeira infância. É autora do poema Sentimentos, Sonhos e Talentos, que valoriza a singularidade de cada criança.

2. Cecília Nogueira Gonçalves é professora da Educação Infantil e pedagoga em Vitória do Jari - AP. Possui pós-graduação em Educação Especial.

3. Gilvânia Filgueiras (Prof. Gil) é professora da Educação Infantil em Palmas - TO. Paraibana de Brejo do Cruz, atua na área desde 2014. É autora da história Alba, a Arara Albina, que celebra a amizade, a inclusão e a beleza da diversidade.

4. Andréa Costa de Oliveira Rodrigues é professora formadora do Ensino Fundamental em Porto Velho - RO, escritora e poetisa. Atua na formação de professores com sensibilidade e compromisso com a educação.

5. Alexandra Martins de Espíndula é professora e supervisora escolar em Vilhena - RO, com formação em Letras pela UNIR. Atua na rede municipal desde 2007 e como formadora do LEEI desde 2016.

6. Camila Silva de Almeida é pedagoga pela Universidade Estadual do Pará (UEPA) e professora da Educação Infantil e dos Anos Iniciais em Maracanã - PA. Suas vivências entre livros e natureza desde a infância inspiram sua escrita. Acredita na força do imaginário para narrar o mundo com criatividade e ternura.

7. Jhoney Brandão de Souza é professor da Educação Infantil, atuando na pré-escola em Rio Branco - AC. É licenciado em Pedagogia e mestre em Educação pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Desenvolve práticas educativas voltadas à infância, à leitura e à valorização da cultura local.

8. Ebenezaide Pinheiro da Costa é professora da Educação Infantil na EMEF Raimundo Farias, em Limoeiro do Ajuru - PA. É pedagoga e especialista em Educação Infantil. Dedicar-se ao trabalho com as infâncias com sensibilidade, escuta e valorização do território amazônico.

9. Verônica Moreira Souto Ferreira é educadora e formadora em Marituba - PA, com formação em Educação Física e Pedagogia. Atua na coordenação pedagógica da rede municipal e na construção de políticas públicas voltadas à infância. Em 2024, foi formadora municipal do Programa LEEI.

10. Cirlene Benvindo de Souza é professora da Educação Infantil em Palmas – TO desde 2010. É pedagoga e mestre em Ciências da Educação. Dedicar-se à promoção de práticas pedagógicas sensíveis à infância e à diversidade.

11. Maria Goreth da Silva Vasconcelos é doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia e mestre em Educação pela UFAM. Atua como professora formadora na rede municipal de Manaus – AM e como psicóloga no Banco de Olhos do Amazonas. Desenvolve trabalhos voltados à formação docente e ao cuidado com a vida.

12. Maria Célia Mendes Nunes é professora da Educação Infantil e da Educação Especial nos municípios de Vitória do Jari e Laranjal do Jar – AP. É pedagoga, mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura, e especialista em diversas áreas da educação. Atua com foco na inclusão, inovação e formação humana.

13. Elke Dias Costa – professora do município de Itacoatiara - AM, atua há 23 anos como professora, com experiência na Educação Infantil e atualmente como Supervisora em uma creche na rede municipal e formadora Municipal do LEEI.

14. Francimeire Souza Almeida – é pedagoga, especialista em Educação Infantil e professora da Educação Básica em Boa Vista–RR. Atua como assessora pedagógica na Secretaria Municipal de Educação e como formadora municipal do LEEI. Comprometida com a valorização das infâncias e a formação de educadoras na rede pública.

15. Francisca Saionara Mendonça Barbosa é professora da Educação Infantil e pedagoga em Feijó – AC. Apaixonada por histórias desde a infância, redescobriu-se escritora por meio do LEEI. Atua com alegria no universo das crianças, onde a imaginação continua viva e colorida.

16. Driele Karoline Oliveira da Silva – é pedagoga formada pela UEPA/UAB e professora da Educação Básica em Marabá – PA desde 2014. É contadora de histórias e atua na formação de professoras da sala de leitura. Tem experiência com formação continuada na Educação Infantil e com práticas literárias na escola.

17. Rita Cássea Coronheira Silva - efetiva há 25 anos no Município de Miracema do Tocantins, com habilitação na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, graduada em Normal Superior, com especialização na Educação Infantil e Ludopedagogia, Mestrado em Educação atualmente Formadora da Educação Infantil e Inspetora Escolar.

18. Sara Cardoso Alves é professora da Educação Infantil no CMEI Dr. Osvaldo Aires da Silva, em Nova Pinheirópolis, município de Porto Nacional – TO. É formada em Pedagogia e atua com dedicação no cuidado e na formação das infâncias. Tem 38 anos e valoriza a educação como caminho de transformação.

19. Eliane Gracy Lemos Gomes é pedagoga, filósofa e professora da Educação Básica em Monte Alegre – PA, atuando nos ensinos fundamental e médio. É mestra em Educação e doutoranda pela UFOPA. Dedicar-se à formação crítica e humanista na rede municipal e estadual de ensino.

20. Gleidenira Lima Soares é professora da rede municipal de Porto Velho – RO e doutoranda em Estudos Literários pela UNEMAT. Mestre em Ciências da Linguagem pela UNIR, é graduada em Letras e Pedagogia. Atua na formação docente na SEMED, contribuindo com o desenvolvimento de práticas pedagógicas na rede pública.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS



UFRR



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
20 DE MARÇO DE 1964



UFAM



UNIR

UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS